

OBSERVAÇÕES SOBRE A PERÍFRASE VERBAL [PEGAR E V2]

REMARKS ON THE VERBAL PERIPHHRASIS [PEGAR (TAKE) E (AND) V2]

Shehrazad Elis Ramos Daoud*

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir algumas propriedades da construção [*pegar e V2*] enquanto perífrase paratática de natureza aspectual em dados como *Maria pegou e saiu*. Pretende-se argumentar que a construção é formada por meio de uma pseudocoordenação, em que *pegar* atua como verbo auxiliar relacionado à expressão do aspecto lexical (Aktionsart). Para isso, serão apresentadas algumas características da construção que a diferem de coordenações canônicas. O estudo tentará demonstrar que a contribuição semântica da perífrase se dá por meio da inclusão da totalidade das fases/estágios da eventualidade denotada pelo V2, de modo que seu uso se restringe a predicados com subeventos identificáveis. A proposta de análise pretende dar conta (i) da interpretação de início súbito; (ii) da interpretação de globalidade; (iii) da restrição na seleção de predicados (* *Maria pegou e esteve feliz*).

PALAVRAS-CHAVE: Perífrases aspectuais. Perífrase [*pegar e V2*]. Pseudocoordenação.

ABSTRACT: This study aims to discuss some properties of the construction [*pegar e V2*] as a paratactic periphrasis of aspectual nature found in data such as 'Maria pegou e saiu'. The argumentation seeks to demonstrate that such construction is formed by means of a pseudocoordination, in which 'pegar' functions as an auxiliary verb related to the expression of lexical aspect (Aktionsart). To this end, some characteristics that distinguish the construction under study from canonical coordination will be presented. The present analysis proposal intends to account for (i) the sudden onset interpretation; (ii) the globality interpretation; and (iii) the restriction in the selection of predicates (* *Maria pegou e esteve feliz*).

KEYWORDS: Aspectual periphrases. Periphrasis [*pegar (take) e (and) V2*]. Pseudocoordination.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR. E-mail: shehrazad.daoud@ufpr.br.

INTRODUÇÃO

As construções verbais perifrásticas podem ser divididas entre as *hipotáticas* e as chamadas perífrases *paratáticas*. As primeiras se caracterizam por envolverem a subordinação de uma oração não finita, como em “Pedro começou a correr”, enquanto as últimas seriam compostas por dois verbos flexionados no mesmo modo, tempo, número e pessoa, dos quais somente o segundo conserva integralmente valor semântico (cf. Merlan, 1999, p. 159). Tendo em vista essa distinção inicial, este trabalho pretende observar como a perífrase paratática [*pegar e V2*] contribui para a expressão do aspecto. O dado a seguir exemplifica a estrutura aqui investigada:

(1) A Flávia *pegou* e saiu.

A leitura relevante de (1) é aquela em que se denota somente uma eventualidade – *a Flávia sair* – de forma que, informalmente, pode-se dizer que *pegar* funciona como um verbo leve. Neste estudo, as perífrases paratáticas formadas por [*pegar e V2*] serão consideradas estruturas pseudocoordenadas, o que permite analisar *pegar* como auxiliar de aspecto lexical.

Na seção 2 serão levantadas algumas características que ajudam a definir a construção [*pegar e V2*] e que permitem diferenciá-la de coordenações canônicas com *pegar*₂¹. A seção 3 traz uma breve revisão de análises encontradas na literatura a respeito de [*pegar e V2*] enquanto perífrase aspectual, que se dividem, *grosso modo*, em tratar a perífrase como indicadora de aspecto *inceptivo*, por um lado, ou *global*, por outro, tendo interpretação de “situação com início súbito” em ambos os casos. Ainda na seção 3 são apresentados dados que parecem escapar das previsões feitas por essas análises. Uma proposta é sugerida na seção 4, em que se busca argumentar que o tipo de situação derivada por meio de [*pegar e V2*] se caracteriza por incluir todos os estágios da eventualidade, inclusive o *onset*, no sentido de Freed (1979: 31-33), que considera o *onset* a etapa de “preparação” imediatamente anterior ao início do evento. Dessa forma, a restrição de seleção de *pegar* na perífrase é definida como sendo relativa a eventualidades com ao menos um subevento ou estágio identificável, o que inviabiliza seu uso pleno com *Estados* (* *eu pego e sei matemática*). Além disso, a inclusão do *onset* junto dos demais estágios (quando aplicável) favorece o que a literatura aponta como leituras mais salientes da expressão, que são: “ação com início súbito” e “visão global” da eventualidade. As conclusões do trabalho são apresentadas na seção 5.

¹ Neste trabalho, as ocorrências de *pegar* como verbo pleno serão indicadas com o índice 2 apenas como meio de distingui-las de *pegar* como auxiliar.

DEFININDO AS CARACTERÍSTICAS DE [PEGAR E V2]

As chamadas pseudocoordenações parecem, à primeira vista, coordenações canônicas.² No entanto, esse tipo de estrutura apresenta propriedades gramaticais substancialmente distintas das coordenações regulares (cf. Lødrup 2017: 265-266). A partir da observação de algumas dessas propriedades (cf. (2-11) a seguir), é possível afirmar que as perífrases paratáticas [*pegar e V2*] são formadas por pseudocoordenações, e não por coordenações plenas.

Uma característica a ser observada nessas construções é que o verbo '*pegar*' não mantém nem seu sentido prototípico ("agarrar", "tomar"), nem sua estrutura argumental, conforme o contraste a seguir:

(2) Pedro *pegou*₂ no volante e acelerou o carro.

(3) Pedro *pegou* e acelerou o carro.

Em (2) há efetivamente a coordenação de dois predicados, cuja leitura é de duas ações consecutivas: *pegar*₂ *no volante* e *acelerar o carro*, enquanto a leitura aproximada de (3) é de que houve um único evento, no qual ocorreu a ação de acelerar o carro. Os dados (4) e (5) deixam ainda mais clara essa distinção:

(4) #Pedro *pegou*₂ no carro e saiu sem tocar em nada.

(5) Pedro *pegou* e saiu sem tocar em nada.

A estranheza de (4) parece decorrer da incompatibilidade entre *pegar*₂ *no carro* e *não tocar em nada*, o que não ocorre com a pseudocoordenação no dado (5). A segunda propriedade das construções [*pegar e V2*] aponta na mesma direção, e está relacionada às possibilidades de flexão dos verbos coordenados. Diferentemente do que ocorre nas perífrases paratáticas, quando se utiliza *pegar*₂ como verbo pleno, é possível que o verbo coordenado apresente flexão distinta (cf. (6)):

(6) Pedro *pegou*₂ no volante e vai acelerar.

(7) # Pedro *pegou* e vai acelerar.

Novamente, quando se tem uma coordenação plena com o verbo *pegar*₂, como em (6), a leitura é de dois eventos organizados de modo consecutivo e com relativa independência

² Existe, inclusive, uma vasta discussão a respeito da configuração estrutural exata das pseudocoordenações, que, como descreve Ross (2016), se encontram no limite entre estruturas coordenadas e estruturas de subordinação: apesar de serem linearmente semelhantes às coordenações canônicas, suas propriedades gramaticais as aproximam das subordinações. Conforme aponta de Vos (2004:181), por conta desse comportamento, essas construções também são chamadas de "coordenações subordinativas". Dessa forma, há análises que descrevem as pseudocoordenações como estruturas de subordinação que, a depender do verbo auxiliar, podem ser de controle ou de alçamento (e.g. Lødrup 2002, 2017). Para um contraponto, em que também são apresentadas características que parecem distinguir as pseudocoordenações das subordinações cf. de Vos (*op.cit.*). Para este trabalho, no entanto, interessa somente assumir que, qualquer que seja a descrição adequada das pseudocoordenações, elas são suficientemente distintas das coordenações canônicas, e envolvem um primeiro verbo que é auxiliar.

quanto aos tempos verbais de cada conjunto coordenado. Isso não acontece com a construção em (7), uma vez que uma perífrase paratática, enquanto pseudocoordenação, não licencia flexões de tempo distintas.

Tendo em vista a distinção entre as ocorrências de *pegar*₂ em (2), (4) e (6), por um lado, e (3), (5) e (7) por outro, há indícios para se considerar a possibilidade de que, nestes últimos casos, tenha-se um verbo distinto, cujo sentido seria, ao menos parcialmente, “esvaziado”.³ Os testes a seguir reforçam ainda mais as diferenças entre as construções.

(8) A: Todo dia o João pega e nada por uma hora.

B': * Porém, hoje ele não *pegou*.

B'': Porém, hoje ele não nadou.

B''': * Porém, hoje ele não fez nenhuma dessas duas coisas.

(9) A: Todo dia o João *pega*₂ (o traje de banho) e nada por uma hora.

B': Porém, hoje ele não *pegou*₂ (o traje de banho).

B'': Porém, hoje ele não nadou.

B''': Porém, hoje ele não fez nenhuma dessas duas coisas.

O dado (8B) mostra que não é possível tomar *pegar* de modo independente do segundo verbo de [*pegar e V2*], enquanto (8B'') mostra que construções como *pegar e nadar* não descrevem eventualidades distintas, o que fica ainda mais evidente ao se comparar os dados em (8) com aqueles em (9). Neste último paradigma, tem-se coordenações canônicas com *pegar*₂, e (9B') demonstra que há alguma independência entre as os conjuntos coordenados, assim como (9B'') demonstra que *pegar*₂ (*algo*) e *nadar* descreve duas eventualidades. Outro teste que ajuda a diferenciar as construções com [*pegar e V2*] de coordenações regulares é a tentativa de inversão dos conjuntos coordenados:

(10) a. De manhã, ele *pegou* e lavou a louça.

b * De manhã, ele lavou a louça e *pegou*.

(11) a. De manhã, ele *pegou*₂ a encomenda e lavou a louça.

b. De manhã, ele lavou a louça e *pegou*₂ a encomenda.

O contraste entre os dados formados com a perífrase [*pegar e V2*] em (10) e aqueles em (11) confirma a observação de que *pegar* nas construções [*pegar e V2*] não mantém seu sentido prototípico,⁴ nem forma coordenações regulares, uma vez que apenas neste último caso é possível inverter a coordenação sem prejuízo para a aceitabilidade do dado. Sendo assim,

³ Neste trabalho assume-se que, de fato, esse é o caso. *Grosso modo*, é possível afirmar que o uso do verbo *pegar* nesse tipo de construção surgiu a partir de um processo de gramaticalização, em que seu sentido mais concreto passa a ser esvaziado e especializado gramaticalmente. Para uma análise mais detalhada, baseada nas alterações semânticas e morfossintáticas do verbo a partir de seus traços de transitividade, cf. Buthers e Oliveira (2010).

⁴ Cf. nota 3.

esse paradigma inicial, parece suficiente para se considerar as perífrases paratáticas [*pegar e V2*] como pseudocoordenações, o que permite tratar o segundo verbo dessas construções como verbo principal e *pegar* como verbo auxiliar, além de legitimar os testes apresentados na seção a seguir.

A partir desse quadro, é possível delimitar as duas questões que este estudo tentará responder: (i) ao se considerar *pegar* como um auxiliar (aspectualizador), qual seria a sua contribuição para a expressão do aspecto? (ii) existe algum tipo de restrição de seleção imposta ao verbo principal da construção [*pegar e V2*] e/ou a seus possíveis argumentos?

REVISÃO DE LITERATURA

Conforme adiantado na seção 1, as análises encontradas na literatura para a contribuição semântica da construção [*pegar e V2*] podem ser distinguidas entre aquelas que a consideram uma perífrase de valor inceptivo e aquelas que a definem como perífrase de valor de “visão global”. Em ambos os casos, a perífrase codificaria o traço [+pontual]/[-durativo]. Entre essas análises, há aquelas que também consideram que a construção exige um sujeito com papel temático de agente. Nesta seção, tais análises serão brevemente apresentadas e discutidas.

Como exemplo de análise segundo a qual a construção [*pegar e V2*] sempre daria enfoque ao início do evento denotado pelo verbo principal, tem-se Merlan (1999), que trata construções do tipo [*pegar e V2*] como perífrases paratáticas de valor inceptivo. Segundo a autora, apenas o segundo verbo da construção apresenta significado lexical pleno, o que confirma as observações apresentadas acima para os dados (2-11). Ainda de acordo com a autora, *pegar* nas construções em análise seria um aspectual que exprime o início imediato, súbito e pontual da ação denotada pelo segundo. Um tipo de ocorrência que coloca dúvidas em relação a esse tipo de análise é exemplificado pelo contraste entre os dados (12) e (13), a seguir:

(12) # João começou a nadar por uma hora (hoje de manhã).

(13) João *pegou* e nadou por uma hora (hoje de manhã).

Considerando o verbo *começar* como um aspectual de caráter inceptivo,⁵ o contraste entre (12) e (13) aponta para uma incompatibilidade entre esse tipo de ponto de vista e adjuntos durativos na leitura relevante (indicada pelo trecho entre parênteses) que é aquela em que se fala de um evento em específico.⁶ Tal incompatibilidade não é observada em relação à

⁵ No sentido em que apresenta o recorte do início da eventualidade, conforme Bertucci (2011), que considera que a contribuição semântica de *começar + a* é de “expressar o subevento inicial da eventualidade denotada pelo VP no infinitivo” (Bertucci, 2011, p. 127).

⁶ Isso porque uma construção como (12) poderia ser plenamente aceitável desde que *nadar por uma hora* seja considerado iterativamente, como um hábito.

construção com *pegar*, conforme (13). Essa observação coloca em dúvida a correção de uma análise de [*pegar e V2*] como perífrase de valor inceptivo conforme apresentada por Merlan (1999).

Ainda conforme a autora, a estrutura *pegar e V2* pode ser coordenada com construções perifrásticas hipotáticas de valor ingressivo/inceptivo (cf. (14)),⁷ iterativo (cf. (15)), cessativo (cf. (16)), continuativo (cf. (17)):

(14) João *pegou e* começou a cantar.

(15) João *pegou e* voltou a cantar.

(16) João *pegou e* parou de cantar.

(17) João *pegou e* continuou a cantar.

Interessantemente, o inverso parece ser igualmente verdadeiro, conforme os dados a seguir:⁸

(18) João começou a *pegar e* reclamar de tudo sem motivo.

(19) João voltou a *pegar e* reclamar de tudo sem motivo.

(20) João parou de *pegar e* reclamar de tudo sem motivo.

(21) João continuou a reclamar de tudo sem motivo.

Já Braga (2009) analisa a perífrase [*pegar e V2*] como introdutora de um predicado *global, pontual* ou *não-durativo*, uma vez que, para o autor, a construção estaria restrita a ações acabadas e com início súbito. Para exemplificar essa restrição, o autor aponta uma suposta impossibilidade de ocorrência de [*pegar e V2*] com formas imperfectivas (progressivas ou não), o que seria exemplificado pelo dado a seguir:

(22) * João *pegou e* estava escrevendo uma carta

(Braga, 2009, p. 58).

A degradação do dado (22), diferentemente do que afirma o autor, parece estar relacionada à ausência de paralelismo entre as flexões do auxiliar *pegar e* e do verbo principal (cf. (2-11)). É possível argumentar que o dado relevante (correlato a (22)) para que se verifique a (im)possibilidade de [*pegar e V2*] em construções imperfectivas é (23):

(23) João estava/tava *pegando e* escrevendo uma carta (quando eu conversei com ele).

⁷ E, dessa forma, infere-se que haveria uma espécie de sobreposição dos aspectos de tipos de situação focalizados pelas perífrases.

⁸ Mesmo sendo aceitáveis, os dados (18-21) parecem ser mais marcados, o que os torna menos usuais em contextos “*out of the blue*”. Isso pode estar relacionado à rigidez na ordem das perífrases aspectuais, uma vez que se argumenta que, por um lado, expressões de aspecto gramatical sempre antecedem as de aspecto lexical, e que, por outro, as expressões de aspecto lexical seriam ordenadas entre si, porém com menor rigidez. (cf. Bertucci, 2011, p. 22-29).

O autor afirma ainda que a construção sendo analisada não ocorreria em todas as formas verbais possíveis, sendo supostamente barrada, por exemplo,⁹ nas formas de futuro do indicativo, pois, segundo o autor, “[p]arece ser uma restrição da estrutura perifrástica aspectual ‘pegar e +’ no futuro do indicativo, tanto em relação ao futuro do presente quanto ao futuro do pretérito” (Braga, *ibid.* p. 45). Os dados a seguir, porém, parecem apontar para a inexistência de tal restrição:

(24) João vai *pegar* e (? vai) sair mais cedo hoje.

(25) João ia *pegar* e (? ia) sair mais cedo hoje.

(26) Aqui é assim, os alunos vão pegando e saindo conforme terminam a prova, não precisam esperar os colegas.

(27) Aqui era assim, os alunos iam pegando e saindo conforme terminavam a prova, mas agora precisam esperar os colegas.

Utilizando a ferramenta de buscas na internet *Google*, foi possível encontrar ocorrências (que se supõe serem espontâneas) desse tipo de construção, conforme exemplificado a seguir:

(28) Eles estão pegando e saindo para o jogo.¹⁰

(29) Já fui pegando e saindo de casa.¹¹

(30) As pessoas iam pegando e saindo correndo.¹²

(31) Ao perceber a aproximação da viatura, tentou disfarçar, pegando e saindo.¹³

Ainda conforme a análise de Braga (*ibid.* p. 57), a construção [*pegar* e *V2*] exigiria um sujeito com papel temático de agente e com o traço [+humano], além de que teria caráter volitivo. Os dados apresentados pelo autor estão reproduzidos a seguir:

(32) * O vento *pegou* e derrubou a árvore

(33) * A casa *pegou* e queimou num segundo

(Braga, *ibid.*, p. 57)

A leitura *default* para esse tipo de construção parece de fato envolver um caráter volitivo, o que faz dela inclusive um meio de desambiguar dados como (34):

(34) O João quebrou o vaso.

⁹ O autor faz afirmações semelhantes em relação a outras formas verbais, como os quadros subjuntivo e imperativo, no entanto, parece não haver restrições quanto ao tempo e ao modo verbais desencadeadas por *pegar* e *V2*, conforme:

i. *Pegue e estude se quiser ser aprovado!*

ii. *Se eu pegasse e estudasse, seria aprovado.*

¹⁰ Dado obtido em: <http://www.diarioonline.com.br/esporte/para/noticia-403566-ex-jogador-mesquita-fala-sobre-consumo-de-bebidas.html>

¹¹ Dado obtido em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/24017/16987>

¹² Dado obtido em: <http://www.livrosepessoas.com/tag/joao-carrascoza/>

¹³ Dado obtido em: <https://www.plantaodepoliciaarc.com.br/2017/page/42/>

(35) O João *pegou* e quebrou o vaso.

Se, por um lado, (34) é vago em relação a a ação ter sido deliberada ou não, a leitura mais saliente para (35) é aquela em que o vaso foi quebrado propositalmente.¹⁴ No entanto, os dados a seguir parecem mostrar que a construção [*pegar e V2*] não necessariamente tem caráter volitivo, da mesma forma que não necessariamente exige um sujeito [+humano] (se-quer [+animado]):

(36) A criança *pegou* e quebrou a perna sem querer na educação física.

(37) O vento *pegou* e levou as vacas de 200 quilos.¹⁵

(38) A pedra *pegou* e atravessou a janela estilhaçando o vidro.

(39) Aí *pegou* e choveu.¹⁶

Esses dados mostram ainda que a construção *pegar e V2* parece comportar sujeitos não agentivos, havendo inclusive o caso extremo em (39), em que se tem um verbo principal que não seleciona qualquer argumento (*chover*), e mesmo assim a construção é aceitável. Isso não significa, contudo, que não haja restrições para sua formação, conforme:

(40) * Eu peguei e tive uma casa.

(41) * Eu peguei e fui brasileiro.

(42) ? Eu peguei e tive dor de cabeça.

(43) ? A erupção do vulcão *pegou* e assustou a Maria.

(44) Uma intensa troca de tiros *pegou* e assustou muitos moradores.¹⁷

(45) Eu peguei e assustei a Maria.

Os dados (40-43) mostram que existem restrições para a utilização de *pegar e V2*. No entanto, neste ponto, ainda não é possível afirmar qual a natureza dessa restrição (*e.g.* seria uma restrição a sujeitos com papel temático de estímulo ou experienciador? Ou seria uma restrição relacionada à classe do verbo?). Esse ponto se relaciona com a segunda questão a ser respondida pelo trabalho. Em síntese, este estudo defenderá que a maior ou menor degradação de dados como (40-43) está relacionada à existência de estágios/subeventos intrínsecos à eventualidade denotada pelo verbo principal (*cf.* seção 4).

Outra análise que associa [*pegar e V2*] à perfectividade e à pontualidade é apresentada por Tavares (2008, 2009), que considera que os usos de *pegar* aqui em estudo “estão regularizados como formas codificadoras de aspecto global na perífrase [V1 (E) V2] no português

¹⁴ Para mais detalhes a respeito da vagueza quanto à intencionalidade em dados como (25-26) *cf.* Franchi e Cançado (2003, p.108-109)

¹⁵ <http://ruralcentro.uol.com.br/noticias/chuva-castiga-sul-e-sudeste-do-brasil-14071>

¹⁶ Buthers e Oliveira (2010, p.148)

¹⁷ Dado obtido em: <http://www.vozdascomunidades.com.br/casos-de-policia/noite-de-intesa-troca-de-tiros-faz-moradores-correrem-para-se-abrigarem/>

brasileiro” (Tavares, 2008, p. 332). Para a autora, de maneira semelhante à análise de Braga (2009), o tipo de predicado formado pela construção seria “pontual, isto é, sem um destaque especial para uma de suas etapas. Tal evento é, em geral, apresentado como tendo ocorrido de modo súbito, inesperado.” (Tavares, 2008, p. 334).

O aspecto global, segundo a autora, estaria relacionado ao uso do perfectivo, dessa forma, “[u]m aspectualizador global como PEGAR [...] acrescenta traços de perfectividade ao verbo principal [...] ou então os intensifica, no caso de V2 já os manifestar através de seu significado lexical Aktionsart e/ou de marcas morfológicas de aspecto perfectivo que porta” (Tavares, 2009, p.47).

Um problema em análises como essas reside na falta de clareza sobre as propriedades que restringem dados como (40-43), por exemplo, uma vez que não parecer haver exigência de um sujeito com papel temático de agente, e qualquer eventualidade pode ser vista de um ponto de vista perfectivo (i.e. global).¹⁸ Disso surge a necessidade de se retomar a diferença entre aspecto lexical e gramatical. Em termos gerais, a codificação do aspecto gramatical envolve o ponto de vista a partir do qual uma eventualidade é denotada. Independentemente das suas partes intrínsecas, uma eventualidade pode ser descrita de forma completa (o que corresponde, *grosso modo*, ao ponto de vista *perfectivo*), ou parcial (o que corresponde, *grosso modo*, ao ponto de vista *imperfectivo*). De acordo com Bertucci (2011, p.16), “[e]m PB, por exemplo, o perfectivo pode ser expresso pelo morfema *-ou*, em *amou*, e o imperfectivo pelo morfema *-ava*, em *amava*, ou pela perífrase *estar + gerúndio*, em *está amando*”.

O aspecto lexical, por sua vez, classifica uma eventualidade a partir de suas informações temporais intrínsecas. Smith (1997, p. 3) propõe cinco categorias para o aspecto lexical, que chama de “tipos de situação”, em contraste a “perspectiva”, correspondente ao aspecto gramatical: *Estado*, *Atividade*, *Accomplishment*, *Semelfactivo* e *Achievement*. As propriedades desses tipos de aspecto lexical seriam as seguintes:

- (46) *Estados*: estático, durativo (e.g. “saber a resposta”, “amar a Maria”)
Atividades: dinâmico, durativo, atélico (e.g. “rir”, “passear no parque”)
Accomplishment: dinâmico, durativo télico, constituído por processo e resultado (e.g. “construir uma casa”, “caminhar até a escola”, “aprender grego”)
Semelfactivos: dinâmico, atélico, instantâneo (e.g. “bater na porta”)
Achievement: dinâmico, télico, instantâneo (e.g. “ganhar a corrida”, “atingir o topo”)¹⁹

¹⁸ Segundo Squartini (1998, p. 189-205), a propriedade de ser *global* pode ser utilizada para diferenciar os pontos de vista *perfectivo* e *imperfectivo*, uma vez que “globalidade é a característica principal de toda forma perfectiva, inclusive das não-perifrásticas” (Squartini, 1998, p. 195, tradução nossa). No original: “globality is the main character of every perfective form, non-periphrastic as well”.

¹⁹ Conforme Smith (1997, p.3, tradução nossa). No original: “*States*: static, durative (know the answer, love Mary) *Activity*: dynamic, durative, atelic (laugh, stroll in the park) *Accomplishment*: dynamic, durative, telic, consisting of process

Para Smith (1997), os dois tipos de informação aspectual presentes nas sentenças (*perspectiva* e *tipo de situação*) são independentes. Segundo a autora, o aspecto da perspectiva (aspecto gramatical) é introduzido por “algum morfema gramatical, normalmente verbal”,²⁰ enquanto o tipo de situação é formado pela *constelação verbal*, definida como verbo principal e todos os seus argumentos.²¹ Além disso, o tipo de situação poderia ser derivado a partir de um recorte no ponto de vista realizado por morfemas super-lexicais,²² aqui chamados apenas de verbos aspectuais. Pode-se exemplificar esse tipo de derivação por meio do par (i) *escrever uma carta* e (ii) *começar a escrever uma carta*, em que a situação derivada em (ii) denota apenas parte dos estágios da eventualidade em (i). Nesse sentido, verbos aspectuais que contribuem para a expressão do aspecto lexical são elementos por meio dos quais uma situação pode ser derivada.

Tendo isso em vista, podemos retornar às propostas de análise de [*pegar e V2*] apresentadas anteriormente. Tratar [*pegar e V2*] como perífrase de caráter inceptivo, conforme Merlan (1999), é problemático, pois a construção parece não restringir a denotação do verbo principal ao estágio inicial do evento, conforme apontam os dados (12) e (13). Os dados apontam na mesma direção:

(47) A Maria começou a escrever a carta, mas não terminou (de escrever a carta).

(48) A Maria *pegou e* escreveu a carta, mas não terminou (de escrever a carta).

O fato de (48) ser contraditório, assumindo-se, conforme a seção 2 acima, que [*pegar e V2*] constitui uma pseudocoordenação, em que *pegar* atua como auxiliar, ao invés de ser coordenação de fato (pois, neste último caso, a independência entre os conjuntos coordenados poderia explicar a contradição, dado que *escreveu a carta* é perfectivo e Accomplishment),²³ parece confirmar que a perífrase [*pegar e V2*] não focaliza somente o estágio inicial do evento. Por outro lado, assumir que a contribuição semântica de [*pegar e V2*] é apresentar uma perspectiva global de uma eventualidade não-durativa também não parece ser o mais adequado. Se as restrições (de predicados e de papéis temáticos) que fundamentam a análise de Braga (2009) não condizem com os dados aqui apresentados (22-45), a análise de Tavares (2008, 2009) não permite diferenciar os dados negativos (40-43). Nesse sentido, para estas últimas duas análises, as (ausências de) restrições estão em desacordo com os dados empíricos. Além disso, não fica claro se a contribuição da perífrase [*pegar e V2*] está voltada para o tipo de situação (aspecto lexical) ou para a perspectiva (aspecto gramatical) dos predicados.

and outcome (build a house, walk to school, learn Greek) *Semelfactives*: dynamic, atelic, instantaneous (tap, knock) *Achievement*: dynamic, telic, instantaneous (win a race, reach the top)”.

²⁰ “Viewpoint is conveyed by a grammatical morpheme, usually verbal” (Smith, 1997, p.2).

²¹ “Situation type is conveyed by the verb constellation, which I define as a main verb and its arguments, including subject” (Smith, *ibid.*).

²² Cf. Smith (1997, p. 48).

²³ Conforme: *A Maria pegou papel e caneta e escreveu a carta, mas não terminou de escrever a carta.*

Em síntese, é possível perceber que as análises acima apresentam lacunas. Não se pretende aqui solucionar todas elas ou mesmo apresentar uma análise completa para o fenômeno. Ainda assim, na seção a seguir, apresentamos uma proposta que pode ajudar a entender a contribuição da perífrase.

DISCUSSÃO E PROPOSTA DE ANÁLISE

Na seção anterior, foram apresentadas motivações para não se analisar [*pegar e V2*] como perífrase introdutora de aspecto inceptivo ou global. Apesar disso, os dados mostram que o uso da perífrase parece de fato incluir a totalidade da eventualidade denotada pelo verbo principal (cf. (12-13), (47-48)), além de poder lhe conferir uma interpretação mais saliente, informalmente caracterizada como “início súbito, repentino” (cf. (48)). No entanto, essa interpretação não é obrigatória (cf. (49)):

(48) Do nada/repentinamente, a Flávia *pegou* e saiu.

(48') Do nada/repentinamente, a Flávia *pegou* e foi saindo.

(49) Devagarinho, a Flávia *pegou* e saiu.

(49') Devagarinho, a Flávia *pegou* e foi saindo.

O que os dados mostram é que há uma tendência de que a leitura saliente seja de “início súbito, repentino”, mas ela não é obrigatória, diferentemente da necessidade de que a leitura inclua a totalidade da eventualidade que o verbo principal denota. A questão que se coloca é como dar conta desses dois aspectos interpretativos sem adotar plenamente tratamentos como os apresentados na seção anterior. Um caminho possível, que será seguido aqui, é partir somente das intuições que subjazem (i) à análise de [*pegar e V2*] como introdutor de um “aspecto global”, conforme Tavares (2008, 2009), e (ii) à observação de que construções com a perífrase parecem ter, na maioria das vezes, uma interpretação de “início súbito, repentino”. Trata-se de uma análise ainda tentativa, que busca desenvolver essas intuições de forma a dar conta das ocorrências de [*pegar e V2*] e de suas leituras.

Assumindo que o aspecto do tipo de situação pode ser derivado por meio de verbos aspectuais, que por sua vez “selecionam” uma dada parte da eventualidade e que isso não se confunde com a *perspectiva* utilizada para descrever essa eventualidade,²⁴ propõe-se aqui que a contribuição de [*pegar e V2*] para a expressão do aspecto seja incluir na descrição da eventualidade todos os seus estágios/subeventos, desde o estágio imediatamente anterior ao seu

²⁴ Como apontado na seção 3, aspecto lexical e gramatical são independentes. É possível derivar o tipo de situação com o uso de *começar a*, por exemplo, que focaliza o início da eventualidade, e isso não se confunde nem impede o uso de uma forma perfectiva, cuja perspectiva é a eventualidade como um todo (e.g. “escrever uma carta”; “começar a escrever uma carta”; “ele escreveu uma carta”; “ele começou a escrever uma carta”).

início, *i.e.*, o estágio de iminência (*onset*)²⁵, até a sua culminação (quando aplicável). Incluir o estágio de iminência da eventualidade favorece (mas não torna necessária) a leitura que parece ser mais recorrente (de “início súbito/repentino”), enquanto abranger os demais estágios da eventualidade denotada pelo verbo principal parece dar conta da obrigatoriedade de uma interpretação considere o evento como um todo, independentemente de o aspecto gramatical ser perfectivo ou imperfectivo, de modo semelhante ao que ocorre com *Accomplishments* (que possuem um ponto de culminação intrínseco). Sendo assim, abarcar todos os estágios do evento não significa que a ocorrência de [*pegar e V2*] em estruturas imperfectivas terá leitura perfectiva.²⁶ O que a perífrase faz é dar enfoque ao *onset* e todos os demais estágios aplicáveis, evidenciando que o evento denotado pelo verbo principal é formado por estágios que lhe são intrínsecos. Porém, como ocorre com *Accomplishments*, por exemplo, a interação com o aspecto gramatical imperfectivo é capaz de suprimir da descrição a informação a respeito da culminação do evento (*cf.* (50-51)), o que não ocorre com o perfectivo (*cf.* (52-53)):

(50) Ele estava escrevendo a carta. (*não acarreta*: “ele escreveu a carta”)

(51) Ele estava pegando e escrevendo a carta. (*não acarreta*: “ele escreveu a carta”)

(52) Ele *pegou* e escreveu a carta. (*acarreta*: “ele escreveu a carta”)

(53) Ele escreveu a carta. (*acarreta*: “ele escreveu a carta”)

Como a perífrase [*pegar e V2*] evidencia os estágios/subeventos intrínsecos de um evento, existe uma previsão de que a perífrase somente ocorra com eventualidades que possuam estágios/subeventos identificáveis, sejam eles homogêneos, ou não. A previsão que se faz, então, é de que a perífrase poderá ocorrer com *Accomplishments*, que têm estágios internos e um ponto de culminação intrínsecos (54); Atividades, que possuem subeventos homogêneos que podem ser identificados (55); *Achievements*, que são não-durativos e não possuem estágios internos, porém possuem *onset* e culminação (56); e Semelfactivos, que se diferenciam dos *Achievements* apenas por não ter telicidade (57).

(54) O João pegou e construiu uma casa

(55) O João pegou e passeou no parque.

(56) O João pegou e ganhou a corrida.

(57) O João pegou e bateu na porta.

O traço que licencia a ocorrência de um predicado com a perífrase [*pegar e V2*] é [+estágios]²⁷, e defende-se aqui que esta é a única restrição de seleção necessária para dar conta das

²⁵ Conforme a proposta de Freed (1979, p. 31-33). Segundo a autora, não se pode confundir *onset* com causa. Nesse sentido, um evento anterior que *cause* o início de um novo evento não pode ser considerado *onset*. Por exemplo, em “Pedro derrubou o vaso e por causa disso o vaso quebrou”, o *onset* de “o vaso quebrou” não equivale a “Pedro derrubou o vaso”, e sim, ao momento de iminência de *quebra do vaso*.

²⁶ O que remonta ao chamado *Paradoxo do Imperfectivo*, conforme Bertucci (2011, p. 45).

²⁷ Assumindo que *onset* e ponto de culminação podem ser tratados como estágios para que se possa incluir *Achievements*, e

impossibilidades em (40-43). Nesse sentido, a restrição de seleção não envolve diretamente os papéis temáticos do verbo principal. Em relação aos Estados, a previsão que se faz é que as construções de [*pegar e V2*] formadas com Estados que se caracterizem como eventualidades faseáveis (conforme descrição de Bertucci (2011, p. 77-82)) serão aceitas (58), porém de modo mais marcado e restrito, enquanto estativos não-faseáveis serão barrados (59):

(58) A Maria pegou e foi amável comigo. (aceitável, porém marcado)

(59) * A Maria pegou e foi alta.

Os dados (40-43), que foram apresentados na seção 3 como potenciais mostras de que haveria restrições quanto ao papel temático do sujeito na construção [*pegar e V2*] (na esteira de Braga (2009)), podem ser acomodados a partir da distinção entre estativos não-faseáveis (40-41) e faseáveis (42-43). Estes últimos, embora mais marcados, podem ser considerados aceitáveis:²⁸

(40) * Eu peguei e tive uma casa.

(41) * Eu peguei e fui brasileiro.

(42) ? Eu peguei e tive dor de cabeça.

(43) ? A erupção do vulcão pegou e assustou a Maria.

Um último ponto que merece atenção é que não se propõe que o aspecto de tipo de situação derivado por meio [*pegar e V2*] mude o aspecto lexical da eventualidade denotada originalmente pelo verbo principal, i.e., o *output* da expressão [*pegar e V2*] mantém o aspecto lexical do segundo verbo, por isso, é preferível falar, neste caso, em *focalização de estágios/subeventos* ao invés de modificação aspectual (nos termos de Bertucci (2011)). Essa pode ser uma propriedade que diferencie perífrases paratáticas e hipotáticas – apenas estas últimas funcionariam como modificadores aspectuais. Se esse for o caso, surgem pistas a respeito dos dados (14-17) e (18-21). Abaixo estão reproduzidos dois dados que exemplificam cada um dos paradigmas:

(14) João *pegou* e começou a cantar.

(18) João começou a *pegar* e reclamar de tudo sem motivo.

Como indicado na seção 3, a interação entre aspectualizadores paratáticos e hipotáticos é possível, havendo uma pequena diferença entre construções como (14) e (18), dado que este último tipo é mais marcado. Na esteira de Bertucci (2011), afirmou-se que essa diferença poderia estar relacionada a uma certa regra de ordenamento das perífrases (cf. nota 8). Assumindo-se que apenas aspectualizadores hipotáticos são modificadores aspectuais, não parece improvável que se tenha o seguinte ordenamento: perífrases de aspecto gramatical > perífrases de aspecto lexical paratáticas/[-modificador aspectual] > perífrases de aspecto

que Atividades possuem subeventos homogêneos, além do *onset*. Assume-se também, em uma adaptação do tratamento de Bertucci (2011, p. 81) que uma eventualidade tem o traço [+estágios] se o progressivo acarretar o *onset*.

²⁸ Cf. dados (44) e (45), análogos a (43).

lexical hipotáticas/[+modificador aspectual]. Assim, dados como (18) seriam mais marcados, mas não inaceitáveis, por haver menos rigidez para a interação entre perífrases de aspecto lexical do que entre estas e as de aspecto gramatical. Trata-se, no entanto, de um esboço de análise meramente especulativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma discussão a respeito da contribuição da construção [pegar e V2] para a expressão do aspecto. A partir de trabalhos anteriores, a estrutura foi analisada como perífrase paratática relacionada ao aspecto lexical.

Além disso, considerou-se que a construção forma uma pseudocoordenação, o que permite tratar *pegar* como auxiliar de aspecto. Propôs-se que a construção apresenta uma restrição de seleção relacionada ao traço [+estágios] da eventualidade denotada pelo verbo principal: apenas eventualidades com estágios identificáveis são selecionadas. Assim, a previsão que se faz é que estativos não-faseáveis não ocorram com a perífrase [pegar e V2]. Por fim, a construção não modifica o aspecto da eventualidade denotada pelo verbo principal, mas inclui na descrição da eventualidade todos os estágio/subeventos a partir do *onset*, o que ajuda a explicar a leitura recorrente de *situação iniciada de forma repentina, súbita*, ao mesmo tempo em que se explica a necessidade de incluir o ponto final da eventualidade (quando aplicável), sem que seja preciso recorrer à noção de perfectivo ou de aspecto global, permitindo que se mantenha a independência entre *perspectiva* (aspecto gramatical) e *tipo de situação* (aspecto lexical).

REFERÊNCIAS

BRAGA, S. **Perífrase aspectual pegar e + ...**. Revista do Gel, v. 6, p. 31-59, 2009. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/165>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BERTUCCI, R. A. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. 2011. 200f. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13062012-170328/pt-br.php>. Acesso em: 27 jun. 2021.

BUTHERS, C. M.; OLIVEIRA, M. J. **Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] - uma abordagem formal**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 18, p. 135-164, 2011. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2551>. Acesso em: 27 jun. 2021.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.; e colaboradores. **Programa de pesquisa sobre a classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro**. UFMG, 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb>. Acesso em: 27 jun. 2021.

FRANCHI, C.; CANÇADO, M. **Teoria generalizada dos papéis temáticos**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 11, n. 2, p. 83-123, 2003. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2370>. Acesso em: 27 jun. 2021.

FREED, A. **The semantics of English aspectual complementation**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979 (2012).

LØDRUP, H. **The syntactic structures of Norwegian pseudocoordinations**. Studia Linguistica, v. 56, n. 2, p. 121-143, 2002. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-9582.00090>. Acesso em: 27 jun. 2021.

LØDRUP, H. **Norwegian Pseudocoordination with the Verb drive ‘carry on’: Control, Raising, Grammaticalization**. Proceedings of the LFG’17 Conference, p. 264-284, 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/group/cslipublications/cslipublications/LFG/LFG-2017/lfg2017-loedrup.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MERLAN, A. **Sobre as chamadas “perífrases verbais paratáticas” do tipo “pegar e + V2” nas línguas românicas (com referência especial ao português e ao romeno)**. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, série II, v. 16, p. 159-205, 1999. Disponível em: https://www.romanistik.uni-muenchen.de/personen/privatdozent_innen/merlan/publikationen/perifrases_verbais_paratactica.pdf. Acesso em: 27 jun. 2021.

ROSS, D. Between coordination and subordination: typological, structural and diachronic perspectives on pseudocoordination. In: PRATA, F.; FERREIRA, S.; PINTO, C. (orgs.). **Coordination and Subordination: Form and Meaning—Selected Papers from CSI Lisbon 2014**. 2016. p. 209-244.

SMITH, C. **The parameter of Aspect**. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SQUARTINI, M. **Verbal Periphrases in Romance: Aspect, Actionality, and Grammaticalization**. Berlim: Mouton de Gruyter, 1998.

TAVARES, M. A. **Perífrases [V1(e) V2] em gêneros escritos: propostas para um ensino de gramática baseado no texto**. Linguagem e Ensino, v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15686>. Acesso em: 27 jun. 2021.

TAVARES, M. A. “Eu pego e estudo pra prova”: verbo auxiliar? In: **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**, 2009.

DE VOS, M. **Pseudocoordination is not subordination**. Linguistics in the Netherlands, n. 21, p. 181-192, 2004. Disponível em: <http://benjamins.com/catalog/getpdf?webfile=a732048718>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Recebido para publicação em: 1 out. 2023.

Aceito para publicação em: 30 nov. 2023.